

Da produção da pesquisa em educação musical à sua apropriação

Cláudia Ribeiro Bellochio

Resumo: A proposição desse texto é suscitar o debate sobre algumas das relações que se estabelecem entre a produção, a difusão e a apropriação da pesquisa em educação musical no Brasil, o que é, em grande medida, transversalizado por princípios políticos, reais e ocultos, objetivos e subjetivos, presentes nos múltiplos espaços de práticas musicais. Inicialmente é tecida uma breve revisão sobre o estado da arte da pesquisa em educação musical no Brasil; logo comenta-se sobre a produção de conhecimento na pesquisa em educação musical. Conclui-se sugerindo alguns pontos que poderão contribuir com ações políticas para a pesquisa em educação musical.

Palavras-chave: Pesquisa. Educação musical. Conhecimento. Difusão/apropriação.

Abstract: The purpose of this text is to propose the debate regarding some of the relations that are established among production, diffusion, and appropriation of research in musical education in Brazil. In this kind of research it may be also found some issues dealing with subjective, objective, occult, real and political principles, which are presented in several musical practices. Firstly, a brief review is discussed concerning the state of art of the research in musical education in Brazil. Secondly, the knowledge production is commented in musical education research. To conclude, some considerations are suggested, which could contribute to political actions to the research in musical education.

Keywords: Research. Musical education. Knowledge. Diffusion/ appropriation.

Agradeço ao convite para participar desse importante evento da ANPPOM, de modo especial, ao convite para estar debatendo idéias nessa mesa denominada “Produção de conhecimento e políticas para a pesquisa em educação musical”. Cumprimento minhas colegas de mesa, prof^a Dr^a Alda Oliveira e Prof^a Dr^a Regina Márcia Santos. Cumprimento aos organizadores, Prof. Dr. Ney Fialkov e Prof^a Dr^a Luciana Marta Del Ben pelo incansável cuidado com toda a preparação e execução das atividades que estamos vivenciando.

Minhas colocações talvez não tragam novidades, mas penso que podem suscitar o debate sobre algumas questões, dentre elas as relações que se estabelecem entre a produção, a difusão e a apropriação da pesquisa em

educação musical, o que é, em grande medida, transversalizado por princípios políticos, reais e ocultos, objetivos e subjetivos, quer sejam das organizações científicas da área, quer sejam das instituições públicas, quer sejam das necessidades decorrentes dos espaços de práticas musicais.

Para tanto, organizo a fala em tópicos. Inicialmente faço uma breve revisão sobre o estado da arte da pesquisa em educação musical no Brasil; logo comento sobre a produção de conhecimento na pesquisa em educação musical. Concluo apresentando uma reflexão sobre a produção *versus* apropriação de conhecimento, a partir de situações vivenciadas e encaminhando alguns pontos que poderão contribuir com ações políticas para a pesquisa em educação musical.

1. Uma breve revisão sobre o estado da arte da pesquisa em educação musical no Brasil

Início minha fala com a boniteza, profundidade e clareza das palavras de Paulo Freire: “Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. (Freire, 2002, p.32).

Como é de conhecimento, a pesquisa em educação musical no Brasil, se considerada em relação a outros países, é relativamente nova. Isso tem levado, quase que em senso comum, à repetição de que a “a área é nova”. No entanto, ainda que a educação musical, e consequentemente a pesquisa em educação musical, sejam tomadas como “áreas novas” temos Associações atuantes (ANPPOM e ABEM), Programas de Pós-graduação em Música com sub-área em Educação Musical, Programas de Pesquisa em Educação; Grupos de Pesquisa vinculados às Universidades e cadastrados no CNPQ, pesquisadores individuais, Cursos de Graduação, escolas e outros espaços e sujeitos que produzem pesquisas, nos mais diferentes enfoques e com uma variada abordagem teórica e metodológica. Acoplado a esse fato, verifica-se que “na última década a Educação Musical brasileira vem apresentando um desenvolvimento significativo como área de conhecimento acadêmico-científico” (Del Ben, 2003, p.1). Assim, pode-se evidenciar uma história da pesquisa em educação musical no Brasil, ainda que esta seja breve e encontre-se em pleno processo de fertilização.

Penso ser importante esclarecer que estou considerando como objeto de pesquisa em educação musical “as relações entre as pessoa(s) e a(s) música(s) sob os aspectos de apropriação e transmissão” (Kraemer, 2000, p. 51) o que está intrinsecamente relacionado ao que compreende-se por conhecimento pedagógico musical. Dessa forma, concordo com Del Ben (2003) quando reconhece que “faz-se pesquisa em Educação Musical sempre que se investiga como as pessoas se relacionam com música em termos de apropriação e transmissão, ou ensino e aprendizagem, seja nas escolas e conservatórios de música, seja em garagens de centros urbanos e escolas de samba, ou até mesmo, nas ruas das cidades”. (ibid, p.6).

Como seria esperado, a discussão em torno da pesquisa em Educação Musical, entendida desde já como uma forma de produção de conhecimento no campo da educação musical, é recorrente nos encontros da ANPPOM. Surgem daí, importantes mapeamentos sobre a situação da pesquisa em educação musical no Brasil, dentre os quais o apresentado por Beyer, em 1996, no IX Encontro realizado no Rio de Janeiro e o de Souza (1996) que buscou repensar a pesquisa a partir de dois pontos. Um primeiro que discutiu “o campo da Educação Musical como ciência ou área de conhecimento” (p.80) e, um segundo que remeteu a um balanço na produção científica da área, como forma de mapear o já existente e pensar caminhos para a pesquisa em educação musical (no Brasil).

Em 1997, no X Encontro realizado em Goiás, Souza discorreu sobre a “pesquisa em educação musical na universidade”, focalizando parte do seu trabalho no eixo da pesquisa na formação de professores de música (p. 51). Realço esse ponto na atualidade, sobretudo no atual momento em que temos Diretrizes Curriculares para os Cursos de Música (ainda não aprovadas pelo CNE) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (já aprovadas). O primeiro documento nos indica, como um dos Campos de Conhecimento¹ de formação do profissional da área de Música, a Pesquisa, orientando-nos para que ocorra nas suas diversas

¹ Conforme documento, versão de junho de 1999, por campos de conhecimento, entende-se o conjunto de saberes específicos e interdisciplinares, que particularizam e dão consistência a área de Música. O documento apresenta sete campos: instrumental (instrumento, voz e regência); composicional; fundamentos teóricos; formação humanística; pedagógico; integração; pesquisa (estágio, práticas de ensino e outras integrações);

metodologias². (Diretrizes Curriculares para a Música, 1999) O segundo, nos aponta a pesquisa como objetivo a ser perseguido na formação profissional de professores, entendendo que “(...) o foco principal do ensino da pesquisa nos cursos de formação docente é o próprio processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos escolares na educação básica”. (BRASIL/CNE, Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores, 2002, p. 34).

Nesse particular os cursos de formação têm um importante papel: o de desenvolver, com os professores, essa atitude vigilante e indagativa, que os leve a tomar decisões sobre o que fazer e como fazer nas suas situações de ensino, marcadas pela urgência e pela incerteza. (ANDRÉ, 2001, p. 59)

Creio que esse pressuposto possibilite a compreensão sobre as particularidades inerentes à pesquisa realizada pelo professor na sala de aula³ e a pesquisa realizada na academia sobre o trabalho do professor na sala de aula. Embora tratem-se de processos retroalimentadores, cada qual possui especificidades. Como entende Tardif (2002) “a prática profissional nunca é um espaço de aplicação dos conhecimentos universitários. Ela é, na melhor das hipóteses, um processo de filtração que os dilui e os transforma em função das exigências do trabalho” (p.257).

Ainda que as Diretrizes Curriculares para a formação de professores da Educação Básica sinalizem a escola como *locus* da ação profissional do professor, entendo que cabe as áreas de formação estarem discutindo outros espaços de atuação profissional, como o caso da educação musical. Isso implicaria no estudo e implementação de diferentes abordagens de pesquisa no decorrer da formação inicial, sobretudo abordagens que rompem com a lógica de disciplinarização e efetivamente, mergulhem em situações dialógicas com os problemas da prática vivenciadas no cotidiano.

Há que se considerar também que a pesquisa em educação musical tem tematizado Encontros da ABEM. O foco “A pesquisa em Educação Musical”, por exemplo, alicerçou as discussões durante o V Encontro Anual, realizado

² Esse campo de pesquisa abrange: a) conteúdos relativos as Metodologias e as práticas de Pesquisa; b) integração de novas tecnologias; c) programas especiais de iniciação científica; d) programas de incentivo à integração graduação e pós-graduação. (Diretrizes Curriculares para os Cursos de Música – versão 1999)

³ Considera-se a sala de aula e os seus constituintes do processo de ensinar e aprender.

em Londrina/PR no ano de 1996. Já em 2002, no XI Encontro realizado em Natal/RN a temática foi “Pesquisa e Formação em Educação Musical”.

Assim, eventos de significativa importância, como também artigos, têm focalizado e divulgado a pesquisa produzida no Brasil. Parece-me que as pautas narrativas da produção científica não se esgotaram e mantém-se atuais e fecundas para novas discussões, na abrangência das produções científicas *sobre e para* a educação musical.

2. A produção de conhecimento na pesquisa em educação musical

O que se percebe, sem generalizar, é que, embora a trajetória expressiva realizada num curto espaço de tempo, avanços significativos não têm sido incorporado nos diversos espaços onde ocorre educação musical, sejam esses escolares ou não. Talvez isso decorra do que Meksenas (2002) expressa: “compreender e fazer uso da pesquisa não é tão simples”. Eu diria que não é bem “fazer uso”, e sim, reconstruir em forma de conhecimento prático, ou mesmo reconstruir do ponto de vista da necessidade.

Se antes os focos das pesquisas giravam em torno da produção de conhecimento *sobre e para* uma educação musical de cunho mais formal e escolarizado, com o passar dos anos novos temas passaram a compor as pautas investigativas, tais como educação musical em situações não formais, processos de auto-aprendizagem, educação musical e mídias; educação musical em espaços alternativos, dentre outros.

Considerando os limites do ‘pragmatismo imediatista’, de que falarei mais adiante, inicialmente questiono:

- Em que a pesquisa científica no campo da educação musical tem contribuído? Para onde vai a produção de conhecimentos revelados nos resultados e relatórios das pesquisas realizadas? Quem os têm consumido e com que intuito? E de que forma?

Esses questionamentos não são exclusivos do campo da Educação Musical, mas da área de Educação como um todo. Da mesma forma, não existe consenso quanto aos enfoques e tomadas de postura frente à pesquisa educacional.

Se, para alguns, a pesquisa objetiva a geração de conhecimentos (novos?) gerais, organizados, válidos e transmissíveis; para outros, ela busca o

questionamento sistemático, crítico e criativo. Se alguns centram sua atenção no processo de desenvolvimento da pesquisa e no tipo de conhecimento que está sendo gerado, outros se preocupam mais com os achados das pesquisas, sua aplicabilidade ou sua utilidade social (André, 2001, p. 55).

Reservados os propósitos da pesquisa, para uns e outros, o que se tem percebido é que pesquisas produzidas estão distantes das práticas concretas dos professores e são demasiadamente fragmentadas, não conseguindo articular grupos em torno de si. Em consequência “tem pouco ou nenhum impacto nas práticas profissionais.” (Tardif, 2002, p. 290) Desse modo, muitas pesquisas têm servido mais para a obtenção de titulação profissional (especialista, mestre, doutor e pós-doutor) do que propriamente com a reconstrução da linha existente entre o pesquisador, os envolvidos na pesquisa e o objeto investigado, entre a produção da pesquisa e sua apropriação pelas pessoas e espaços em que realizam atividades de ensino na área. Parafraseando Moysés, e pensando no espaço escolar, parece-me que cabe-nos refletir: “Como acontece o encontro entre o mundo onde o conhecimento científico é produzido e o mundo onde vive o professor [?]”. (Moysés, 1996, p. 108) Ou ainda, como ocorre o encontro entre o mundo da ciência e o cotidiano das práticas educativas nos diferentes espaços e relações em que se produzem? Para Charlot (2002, p.90) “...a pesquisa faz análise, é analítica, o ensino visa metas, objetivos; o ensino tem uma dimensão axiológica, uma dimensão política”. No entanto, é inegável o fato de que “os professores de profissão” (Tardif, 2002) são possuidores de saberes que as pesquisas devem desvelar e trazer como referências reais para o contexto da produção de conhecimento educacional. “A prática profissional não é mais considerada simplesmente como sendo um objeto ou um campo de pesquisa, mas um espaço de produção de competência profissional pelos próprios professores. Desse ponto de vista “a produção de conhecimento não é somente um problema dos pesquisadores, mas também dos professores.” (p. 278)

Há que se considerar que “pesquisar *sobre* educação musical é antes de tudo, pesquisar *sobre* educação” (Souza, 1997, p. 50). Considerando essa premissa, cito André (2001) quando comenta, a partir de um balanço realizado por Bernadete Gatti, que no campo da educação existe “uma tendência dos trabalhos da área para um ‘pragmatismo imediatista’ tanto na escolha dos

problemas quanto na preocupação com uma aplicabilidade direta dos resultados”.

Tomando os problemas apontados acima e perguntando para onde caminham as pesquisas, creio que, de certa forma, fica caracterizada uma preocupação muito forte com o aplicacionismo imediato dos seus resultados, na perspectiva de que essa venha solucionar problemas cotidianos dos espaços educativos que não são, na grande parte das vezes, os problemas vividos na cotidianidade do pesquisador.⁴ Dessa forma,

Embora reconhecendo a necessária **origem social** (grifo meu) dos temas e problemas da pesquisa em educação e a importância das questões que no imediato são carentes de análise e proposições, ela nos alerta para a tendência do recorte excessivamente limitado e para as análises circunscritas aos aspectos aparentes dos problemas, deixando de lado as perguntas mais de fundo e de espectro mais amplo. (André, 2001, p. 56)

Ainda que essa discussão possa parecer nova, é importante lembrar que desde os anos de 1930, no Brasil, quando do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, Anísio Teixeira, ao referir-se ao ensino como “arte científica” (Tomazzetti, 2003, p.10) e sendo “um fiel discípulo e admirador de Dewey compreende que ‘nenhuma conclusão proveniente das pesquisas científicas pode ser convertida em regra imediata da arte de educar’.” (Tomazzetti, 2003, p.12)

Evidentemente, a pesquisa em educação musical deve manter-se firmemente conectada com as necessidades emergentes das práticas sócio-educacionais e musicológicas que a sustentam, “a pesquisa deve ter algum sentido prático” (Souza, 1997, p. 50). No entanto, há de evitar-se a resolução de problemas imediatos da prática que poderiam conduzir a produção investigativa com caráter positivista, não avançando no reconhecimento dos processos ideológicos subjacentes à prática (ver Bellochio, 2000). Portanto, a necessidade de se tomar pesquisadores e professores como sujeitos engajados conjuntamente na produção e apropriação de conhecimentos gerados em pesquisas.

⁴ Talvez a investigação-ação nos traga bons indicativos sobre como poderemos agir se sentido mais colaborativo, sem um afastamento entre o investigador e os investigados.

Gauthier (1998) ao comentar sobre “a ideologia aplicacionista” das pesquisas no espaço escolarizado de ensino, destaca que a sala de aula não é um lugar simples. É um espaço complexo e carregado de variáveis que exigem posturas profissionais próprias e particularizadas, que advertem ao professor prudência e criticidade na utilização dos resultados de pesquisas.

Um outro ponto a destacar com relação ao que Gauthier expõe é o fato que:

Por um lado, nega-se a pertinência da pesquisa, para fechar o ensino no mundo da experiência pessoal; por outro, nega-se a complexidade e a especificidade da ação pedagógica em detrimento de uma visão ‘aplicacionista’ dos resultados das pesquisas. A nosso ver, é preciso ligar a pesquisa à prática numa perspectiva de abertura sobre os possíveis. (Gauthier, 1998, p. 394)

Entendo então a necessidade de aproximação dos campos da produção científica e da apropriação das pesquisas o que vem a requerer a produção e a divulgação de trabalhos investigativos através de “(...) uma multiplicidade de abordagens, com pressupostos, metodologias e estilos narrativos diversos”. (Mazzotti, 1999, p. 128). Entretanto não se trata de uma relação direta e simples e implica em novas configurações *na* e *para* produção, divulgação e apropriação

Dessa forma, e considerando que o tema não é novo e venha sendo debatido há no mínimo uma década, a ênfase sobre a pesquisa em educação musical não está esgotada e não deverá sê-la, por conta da própria dinâmica que a constitui, ou seja, as relações que emergem da tríade música(s), homen(s), educação(ões).

3. Uma reflexão na relação produção x apropriação de conhecimento

Enquanto multiplicam-se as investigações na área da educação musical, são poucas as transformações nas práticas educativas de professores, sobretudo na escola. Enquanto sofisticam-se os sistemas acadêmicos de formação profissional, o descrédito profissional da profissão professor continua aumentando, gerando abismos entre quem faz e quem consome as pesquisas. Enquanto aumentam-se os veículos de divulgação das pesquisas o empobrecimento dos professores de educação básica os impossibilita de adquirir essas produções. Enquanto são produzidos discursos e teorias que

salientam a importância da profissão-professor assistimos, inúmeras vezes, pessoas sem qualificação pedagógica e pedagógico-musical serem contratadas para ensinar em espaços educativos ou simplesmente, fazer parcerias em projetos tais como “amigos da escola”, “animadores culturais”, etc. Até quando viveremos nessa crise paradoxal e conflitiva? Enfim, será que realmente estamos mudando alguma coisa ou será que é o discurso de mudança que se prolifera? Mudamos alguma coisa ou as roupas é que mudam e deixa-se tudo com está?

Isso leva a crer que pesquisar e divulgar os resultados de pesquisa, para além dos muros da academia e da própria escola, envolve outros fatores de complexidade que, nem sempre contribuem, de modo imediato, com as transformações desejadas e com a formação de políticas que possam alavancar o desenvolvimento da área. Por outro lado,

Exigir que as ciências da educação (e as ciências sociais e humanas) se limitem ao estudo das atividades profissionais apenas com intuito de aumentar sua eficácia é exigir sua morte e privar-se dos recursos conceituais que podem oferecer aos práticos no que se refere às suas implicações sociopolíticas inerentes à educação escolar. (Tardif, 2002, p. 293)

Precisa-se então entrelaçar a vida profissional com os referenciais teóricos existentes, sem perder a dinamicidade que implica nessa relação.

Frente ao exposto, tenho algumas hipóteses sobre o por que do distanciamento entre o mundo acadêmico e o mundo vivido, entre a produção e a apropriação.

Em primeiro lugar, compreendo que um dos grandes problemas são as condições desiguais de trabalho existentes entre os que produzem as pesquisas e os que as consomem, profissionais que têm sofrido, ao longo dos anos, um empobrecimento, por conta dos baixos salários, o que os leva a tripla jornada de trabalho. Por exemplo: Qual a condição que um professor de educação musical, com contrato de 40h, que trabalha muitas vezes com 16 turmas em uma escola (exemplo de Santa Maria), possuindo uma média de 550 alunos, terá para pesquisar/refletir sobre sua prática? Qual o tempo para produzir um Diário de Campo com registros diários de seu trabalho? O que isso levaria de tempo desse professor e qual seria sua “recompensa”? Que mecanismos existem para que o trabalho do professor possa ser

acompanhado no âmbito da escola e das pesquisas da área? Enfim, qual o tempo que esse professor tem para pesquisar conjuntamente, estudar e reapropriar-se de conhecimentos na área e produzir “inovações” no seu trabalho? Estamos pensando em termos de mudança da prática do professor, em epistemologia da prática profissional⁵, mas continua a mesma estrutura escolar, fragmentada, rígida, onde o professor apenas está lá para ensinar e não para aprender.

Em segundo lugar, outro aspecto, relaciona-se ao fato que muitos professores ensinam a partir de situações positivas que vivenciaram ao aprender algum dia ou situações que decorrem de um modelo que deu certo quando ensinaram. Esse saber experiencial, de modo repetitivo e mecânico, acaba sendo a base da ação profissional. Com isso, a teoria que informa fica subsumida a um segundo plano e os professores se auto repetem sem interessar-se por reflexões maiores, restando-lhes o interesse pelo manual, pelo livro didático, pelo CD que traz novas canções. Frente a resultados parciais de uma pesquisa que venho desenvolvendo sobre os saberes docentes de educadores musicais⁶ fica clara a perspectiva de que “se aprende a ensinar na prática”. A fala dos professores entrevistados aponta para o domínio do saberes disciplinares e dos saberes experienciais como fundamentais, o que justificaria o grande número de bacharéis atuando em escolas de educação básica. Por várias razões, a prática educativa dos professores que atuam sobretudo na educação básica, não tem exigido dos mesmos a atualização pela apropriação dos conhecimentos pedagógico-musicais derivados de pesquisas em educação musical.

Um terceiro ponto nasce do questionamento se temos tido representatividade política suficiente para transformar a relação entre produção e apropriação de conhecimento na própria área? Representatividade política nas várias esferas: municipal, estadual e nacional. Evidentemente, não podemos negar a

⁵ “Chamamos de epistemologia da prática profissional o estudo do *conjunto* dos saberes utilizados *realmente* pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar *todas* as suas tarefas”. (Tardif, 2002, p. 255)

⁶ ‘Ser professor’ de Música: um estudo acerca da formação e concepções educacionais do educador musical. Participam desse projeto: Alexandra Silva dos Santos (bolsista PIBIC); Helena Marques Pimenta (bolsista FIPE); Eliane da Costa Cunha (assistente).

transformação gerada na área, no Brasil, desde a década de 90, a partir de sua organização em associações e da produção bibliográfica específica a partir de então.

É de grande relevância a manutenção de Encontros para que exista a possibilidade de apresentar a produção de conhecimentos de diferentes níveis e tipos de pesquisa. Por exemplo, além dos Nacionais, os Encontros Regionais da ABEM, têm sido importantes. Por um lado, pela possibilidade das comunidades regionais refletirem e intercambiarem o que se produz no âmbito das pesquisas e, por outro, para a conscientização de uma maior articulação política no âmbito das secretarias estaduais e municipais de educação.

Ao finalizar a exposição, penso que talvez minhas palavras tenham demonstrado um certo ceticismo com relação aos fatos, mas não vejo saída unilateral para que essas situações sejam superadas.

Parece-me que se as condições de trabalho entre o mundo da academia e o mundo das práticas educativas, na escola básica e em outros espaços, persistirem em condições desiguais, pouca coisa podemos esperar na superação entre a produção do conhecimento científico e sua apropriação. Poucas chances teremos para engajar esses dois mundos na luta por políticas mais claras e estáveis. Por outro lado, de nada valem políticas para a área que não passem pela proposição de políticas de formação e de práticas educativas dos profissionais que estão e estarão em exercício profissional. Trabalhar conjuntamente demanda atitudes colaborativas que requerem tempo de estudo, apropriação, discussão, transformação. Creio que nenhuma saída unilateral resolverá o problema.

Enfim, passo a apontar alguns desafios que penso serem necessários para que haja um maior fortalecimento para a apropriação da produção do conhecimento gerado nas pesquisas em educação musical e que entendo como pontos a serem considerados para a formulação e execução de políticas.

Retomo inicialmente, quatro pontos expressos por Del Ben (2003), apresentados como desafios futuros para a pesquisa em educação musical:

- (1) aprender a ampliar nossos horizontes sem perder nosso foco de atenção, isto é, nosso objeto de estudo, em suas múltiplas configurações;
- (2) aproximar a pesquisa com o mundo real, com o mundo vivido;
- (3) aproximar as pessoas que habitam o mundo real com os resultados de pesquisas e de conhecimentos por elas gerados;
- (4) enfrentar o desafio de buscarmos novas formas de contar as pesquisas, de relatar, divulgar e utilizar seus achados e suas conclusões e recomendações”.

A estes acrescentaria:

- ✓ inserir a pesquisa na formação profissional em educação musical, aproximando essa de mundos pedagógico-musicais reais, como forma de desenvolver sistematicamente os princípios da investigação educacional;
- ✓ potencializar a realização de pesquisas que possibilitem o envolvimento e desenvolvimento profissional dos participantes como investigadores ativo-críticos (Carr; Kemmis, 1988), co-elaboradores de pesquisa sobre seus próprios saberes profissionais (Tardif, 2003);
- ✓ não tencionar resolver os problemas práticos da educação musical, através de soluções simplificadas, “pragmatismo imediatista”; guiado por soluções abreviadas e descomprometidas, sem análises aprofundadas;
- ✓ compreender a importância da teoria na realização das pesquisas de um modo geral, pois sem ela como se vai refletir os dados, a ação, como se vai compreendê-los?
- ✓ realizar trabalhos mais colaborativos no âmbito da universidade (entre cursos, entre graduação e pós-graduação) e âmbito da universidade e os espaços educativos;
- ✓ compreender que a produção de conhecimentos não é somente problema dos pesquisadores mas também dos professores (Tardif, 2002);

Penso que esses são apenas alguns dos desafios que temos que enfrentar no campo da pesquisa em educação musical, sobretudo por que nessas pesquisas são envolvidos objetos de estudos que implicam relações

complexas, dinâmicas e dialéticas entre investigador, investigado, objeto de pesquisa e campo investigativo, característico das pesquisas educacionais.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. IN: São Paulo, *Cadernos de Pesquisa -Fundação Carlos Chagas*, n. 113, p. 51-64, 2001.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor. Porto Alegre: UFRGS, 2000. *Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação*, 2000.

BEYER, Esther. *A pesquisa em educação musical: esboço do conhecimento gerado na área*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPPOM, 9., 1996, Rio de Janeiro. *Anais....* Rio de Janeiro, 1996. p. 74-79.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores da educação básica CNE. [on line]. Available from Internet: <http://www.mec.gov.br> [2002].

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Diretrizes curriculares para os cursos de música CNE. [on line]. Available from Internet: <http://www.mec.gov.br> [1999].

DEL BEN, Luciana. *A pesquisa em educação musical no Brasil: breve trajetória e desafios futuros*. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 7, p. 76-82.

SOUZA, Jusamara. Repensando a pesquisa em educação musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPPOM, 9., 1996, Rio de Janeiro. *Anais....* Rio de Janeiro, 1996. p. 80-86.

GAUTHIER, Clermont et al. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. O método nas ciências sociais. In: MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*. Pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MEKSENAS, Paulo. *Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MOISÉS, Maria Aparecida; COLLARES, Cecília A. O Buraco Negro entre o conhecimento científico e o mundo real. IN: REALI, Aline Maria; MIZUKAMI, Maria da Graça (org.) *Formação de Professores: tendências atuais*. São Carlos, Ed. UFSCAR, São Paulo, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido. Panorama atual da didática no quadro das ciências da educação: educação, pedagogia e didática. In: PIMENTA, Selma Garrido et al (Coord.). *Pedagogia, Ciência da Educação?* São Paulo: Ed. Cortez, 1996, p. 39-70.

SOUZA, Jusamara. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da educação musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10., 2001, Uberlândia. *Anais....* Porto Alegre: Associação Nacional de Educação Musical, 2001. p. 85-92.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TOMAZZETTI, Elizete M. *Dimensões da profissão docente*. (texto apresentado em evento da UNIFRA – digitado)

Cláudia Ribeiro Bellochio. Mestre em Educação pela UFSM, Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Adjunta do Departamento de Metodologia de Ensino, Centro de Educação – UFSM. Atua na formação de professores nos cursos de Pedagogia e Licenciatura em Música. Professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do grupo de Pesquisa FAPEM: formação, ação e profissionalização de professores em educação musical. Presidente da Comissão Editorial da Revista Educação. Coordenadora do Laboratório de Educação Musical LEM/CE. Representante da ABEM no RS.

e-mail: claubell@zaz.com.br.